



## BRUNO OLIVEIRA

---

### Entrevista



Para debater Arte e Natureza em tempos de pandemia o Boletim Kultrun entrevistou a **Bruno Oliveira**, artista, educador e pesquisador. Bruno é Mestre pela UNILA em Estudos Interdisciplinares Latino-Americanos com a pesquisa "Variantes sin contenido: geopolítica, especulação estética e visualidade decolonial na América Latina" e está cursando o Doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Investiga e atua no campo das artes contemporâneas desde perspectivas decoloniais.

Nessa entrevista concedida por escrito à professora da UNILA, Gabriela Canale Miola, o artista aponta os desafios sociais, epistemológicos, políticos e culturais da atualidade, além de nos presentear com observações precisas sobre as artes nesse contexto.

---

### **Você acha que a pandemia atual tornou inescapável revisitarmos o locus biológico da nossa espécie?**

Termino a entrevista respondendo esta pergunta, já no dia 19 de abril. Recorro novamente ao número de mortes divulgado pelo consórcio de veículos de imprensa, que já contabiliza a morte de aproximadamente 373.442 pessoas devido à pandemia de coronavírus (e, evidentemente, ao descaso sistemático do governo federal com a questão). Ainda que de forma imprecisa, as estatísticas, gráficos e médias móveis que nos acompanham durante este período tentam desenhar um chão, simular algo de controle que muito rapidamente se torna insustentável. Podemos evocar ainda outros dados para esta soma: publicada este ano, uma pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional afirmou que cerca de 19 milhões de brasileiros passaram fome nos últimos meses de 2020; a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, publicada pelo IBGE em março, contabilizou 14,272 milhões de pessoas em situação de desemprego; em pesquisa de 2020, o Instituto de Pesquisa



Econômica Aplicada (IPEA) estimou cerca de 222 mil pessoas em situação de rua no país. Todos apontam para o mesmo esgotamento de um modelo, de um sistema de produção e de consumo, especulação e espetáculo. Voltamos para a outra questão: como disputar a construção e operação de outras gramáticas de mundo? Como imaginar outros futuros?

### **Será que já é possível perceber o impacto da pandemia de covid-19 no campo das Artes e Culturas?**

Começo a responder a entrevista hoje, dia 18 de abril, há uns tantos dias do seu envio - e pelo atraso na resposta peço desculpas à Gabriela Canale, que fez esta proposição, e às pessoas leitoras do boletim. Opto por começar a resposta por esta pergunta, muito por reconhecer a importância dela para tecer esta entrevista. Segundo os dados divulgados hoje por um consórcio de veículos de imprensa, contabilizamos hoje mais de 372 e tantos mil pessoas mortas pelo coronavírus. Talvez já seja possível encontrar este impacto nas ausências... De toda forma, como mensurar a perda, o desperdício de todas estas experiências? Como ponderar a amplitude dos impactos do isolamento, de filas nos hospitais, das valas abertas, dos lutos não vividos?

### **Você consegue observar entre artistas o interesse pela flora e pela fauna? Destacaria alguma/algum artista?**

São muitas as obras de artistas que lidam com a flora e a fauna, com o ambiente e natureza como tema ou mesmo de maneira incidental - seja por abordar determinado sistema ou mesmo utilizar como matéria. Talvez o impossível seja não tangenciar este debate, considerando a preponderância da reflexão, hoje, sobre os sistemas de produção e circulação da arte, suas técnicas, materiais e processos. Durante a faculdade de arte lembro de acessar as intersecções possíveis a partir do trabalho de Andy Goldsworthy e, por outras vias, o trabalho de Gordon Matta-Clark, Ana Mendieta, Victor Grippo, Ines Linke e Louise Ganz e do próprio Helio Oiticica. Talvez um dos trabalhos que tenha me mobilizado de forma mais contundente, em especial quando comecei as minhas próprias investigações, é o "Wheatfield - a confrontation", da estadunidense Agnes Denes. A obra é de 1982, mas o campo de trigo criado em um aterro em plena Manhattan, nas proximidades das Torres Gêmeas, ainda segue potente, abordando as questões da produção e consumo, do sistema financeiro e a fome - questão que, aliás, segue urgente.



### **Como foi o seu processo de criar obras de arte sobre plantas?**

A mudança para Foz do Iguaçu durante o mestrado produziu um deslocamento físico e subjetivo importante para a reflexão sobre a paisagem. Os trabalhos anteriores - enxertias de roseiras, gravuras com mato e mofo e mesmo o trabalho fotográfico - atravessavam questões de maneira mais dispersa. Investigar a paisagem através das daninhas, do inço, das pragas no oeste paranaense tomou outra proporção e sentido - a Itaipu, os campos de soja, a terra vermelha, o mato. Foi preciso, inclusive, para decifrar aquela nova paisagem, e reconhecer a síndrome de Estocolmo do concreto de São Paulo.

### **Você percebe algum impacto das ideias de Buen Vivir dos povos originários no campo da Arte?**

Talvez este impacto não seja reconhecível objetivamente, pois escapa às categorias do que compreendemos ser o campo da arte (ou Arte, como colocado na pergunta). Como não conceber como produções de sentido potentes as constituições da Bolívia e Equador ou as disputas mais recentes da constituição chilena? Articulações comunitárias, de solidariedade e partilha. A ética como elemento de beleza e sentido - talvez justamente nestas reverberações podemos encontrar os ecos do Buen Vivir.

**O sistema mundo que construiu a história canônica da arte ganha críticas poderosas. Seu trabalho é um excelente exemplo disso. Seja por dissolver a ideia de artista como gênio. Seja por dar conta de diferentes materialidades até pouco tempo externas ao que se convencionou chamar de arte. Seja por abordar temas historicamente invisibilizados como gênero. Nesse grande cosmos que compõe seu trabalho é possível dizer que há espaço para a crítica ao sistema mundo que aniquila material e simbolicamente as formas de vida não humana como as plantas?**

A pergunta me levou para um outro lugar: há seguramente esse debate crítico, mas fico pensando também no exercício de encontrar instabilidades nas categorias, nas palavras, e nelas a possibilidade de manuseio e criação de uma outra gramática, mesclada — como o ch'ixi de Cusicanqui — e talvez estruturalmente transitória, incompleta, amorfa, latente. Profanar os verbetes monolíticos — arte, artista, gênio, matéria, sistema, etc. — e agenciar outras práticas. Lembrei de Agambem: a profanação do improfanável é a tarefa política da geração que vem.



### Sobre o entrevistado

**Bruno Oliveira** é um artista visual e educador. Doutorando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Mestre em Estudos Interdisciplinares Latino-Americanos com a pesquisa "Variantes sin contenido: geopolítica, especulação estética e visualidade decolonial na América Latina", especialista em Arte Contemporânea (Universidade Estadual de Minas Gerais) / UEMG). Participou de exposições como a OsloBiennalen (Oslo/Noruega, 2019) BienalSur (Tucumán/Argentina, 2017); Estação do Projeto (Paço das Artes, São Paulo/Brasil, 2016); Programa de Exposição MARP (Ribeirão Preto/Brasil, 2015 e 2016) e Impressões e Contaminações (Belo Horizonte/Brasil, 2014). É pesquisador do MALOCA (Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismo e Arquiteturas do Sul) e é atualmente o coordenador da Casa 1 (São Paulo/Brasil), um abrigo para pessoas LGBT expulsas de casa por serem quem são, e um centro cultural aberto a todos, e também o coordenador, junto com Mônica Nador e Thais Scabio, do JAMAC (São Paulo / Brasil).

----

**Gabriela Canale Miola** é professora da área Artes no Instituto de Latino-Americano de Arte, Cultura e História da UNILA.

